

## **Aspectos formais, não-formais e informais dos processos de educação musical ocorridos na Festa do Divino de Niquelândia - GO**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

*Felipe Eugênio Vinhal*  
*Instituto Federal do Ceará*  
*felipevinhal.musica@gmail.com*

**Resumo.** Este estudo investiga o processo de ensino-aprendizagem da música presente nos grupos locais associados à Festa do Divino Espírito Santo em Niquelândia, Goiás. Ele parte do pressuposto de que a festa funciona como um espaço educativo singular, caracterizado por suas dimensões materiais e simbólicas. Os objetivos incluem analisar os processos de ensino-aprendizagem dentro da festa e compreender sua importância para a continuidade dos festejos através da transmissão dos saberes do grupo, memórias, identidades (HALL, 2006) e representações (CHARTIER, 1990), compondo um mundo musical (ARROYO, 2002). A partir também das perspectivas das dimensões do ensino (GOHN, 2006; LIBÂNEO, 2000), bem como dos dados coletados em campo, verifica-se que, além da dimensão informal de ensino, uma organização não-formal desempenha um papel fundamental na transmissão dos saberes do grupo. Essa estrutura não-formal é essencial para preservar e perpetuar o mundo musical, as representações, tradições e memórias do grupo, garantindo a continuidade e reafirmação de sua identidade cultural.

**Palavras-chave.** Educação musical não-formal, Mundo musical, Festa do Divino, Niquelândia

**Title. Formal, Non-Formal, and Informal Aspects of Musical Education Processes at the Holy Spirit Festival in Niquelândia - GO**

**Abstract.** This study investigates the process of teaching and learning music within the local groups associated with the Feast of the Divine Holy Spirit in Niquelândia, Goiás. It starts from the assumption that the festival functions as a unique educational space, characterized by its material and symbolic dimensions. The objectives include analyzing the teaching-learning processes within the festival and understanding its importance for the continuity of the festivities through the transmission of the group's knowledge, memories, identities (HALL, 2006), and representations (CHARTIER, 1990), composing a musical world (ARROYO, 2002). Drawing also on perspectives of educational dimensions (GOHN, 2006; LIBÂNEO, 2000), as well as field-collected data, it is found that beyond the informal dimension of teaching, a non-formal organization plays a crucial role in transmitting the group's knowledge. This non-formal structure is essential for preserving and perpetuating the musical world, representations, traditions, and memories of the group, ensuring the continuity and reaffirmation of its cultural identity.

**Keywords.** Non-formal music education, Musical world, Holy Spirit Festival, Niquelândia

## Introdução

Este estudo examina os processos de ensino-aprendizagem musical que permeiam o cotidiano dos grupos locais ligados à Festa do Divino Espírito Santo, realizada na cidade histórica de Niquelândia, Goiás. Inicialmente, meu interesse pelo tema surgiu durante a pesquisa de campo, parte da minha pesquisa de mestrado, na qual pretendo analisar a música da Festa do Divino e da Congada, destacando sua capacidade de evidenciar representações sociais (CHARTIER, 1990) e moldar processos identitários (HALL, 2006). As observações das performances dos foliões e as entrevistas realizadas até o momento (Festa do Divino) indicam que a educação musical é essencial para entender como esses grupos preservam sua tradição e a transmitem aos jovens iniciantes nos festejos. Elas revelam outras representações que, para serem analisadas, requerem um diálogo interdisciplinar entre educação e ciências humanas, como história cultural e antropologia. Isso pode contribuir para a educação musical, que, acompanhando novas tendências, compreende o aluno como um ser imbuído de historicidade, fruto de uma relação sócio-histórica complexa que vai além da sala de aula. Nesse sentido, Dayrell (1996, p.140) nos lembra que esse aluno é "fruto de um conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes espaços sociais. Assim, para compreendê-lo, temos de levar em conta a dimensão da 'experiência vivida'". Ele ainda acrescenta: "a educação, portanto, ocorre nos mais diferentes espaços e situações sociais, num complexo de experiências, relações e atividades, cujos limites estão fixados pela estrutura material e simbólica da sociedade, em determinado momento histórico" (Ibid., p. 142). Essa perspectiva amplia o lócus educacional para além da escola, considerando diferentes espaços, como a família, o trabalho, o lazer e a igreja.

Nesse contexto, a Festa do Divino pode ser vista como um espaço educativo com características próprias, tanto materiais quanto simbólicas. Essa premissa me levou a questionar: quais elementos definem a educação musical dentro dos grupos de foliões? O que os diferencia do ensino oferecido nas escolas formais, conservatórios ou universidades? Como as "experiências vividas" fora da aula de música influenciam a atuação do professor? Buscando respostas, este trabalho tem como objetivos analisar os processos de ensino-aprendizagem que ocorrem na Festa do Divino Espírito Santo em Niquelândia-GO e entender sua importância para a continuidade dos festejos, através da transmissão dos conhecimentos do grupo, sua memória e representações.

## O mundo musical da Festa do Divino niquelandense

A expressão "mundo musical" foi emprestada de Arroyo (2002, p. 101), que, a partir do estudo de outros autores, define um espaço social marcado por "singularidades estilísticas, de valores, de práticas compartilhadas, mas que interagem com outros mundos musicais, promovendo o recriar de suas próprias práticas, bem como o ordenamento de diferenças sociais". Essa definição dialoga com a noção de representações sociais de Chartier (op. cit.), referentes às práticas, obras e formulações compartilhadas por um grupo, capazes de evidenciar como esse grupo se percebe no mundo - processos identitários, portanto (Hall, op. cit.). Estes, por sua vez, não são estáticos ou uniformes. Na contemporaneidade, cada indivíduo compartilha diferentes identidades, muitas vezes conflitantes, que variam ou coexistem conforme o papel que desempenham (aluno, filho, folião, violeiro). Dessa maneira, torna-se necessário explicitar esse mundo musical abordado neste trabalho e o contexto no qual se insere - a cidade de Niquelândia.

Pesquisas bibliográficas sobre o cenário sócio-histórico e cultural de Niquelândia levaram a relatos de autores como Bertran (1998), que mencionam a descoberta das minas de ouro nas vertentes do Rio Maranhão em 1735, por Manoel Rodrigues Tomar, um dos fundadores de Meia Ponte (atual cidade de Pirenópolis), dez anos após o início da colonização em Goiás. Essa região incluía as minas de São José do Tocantins, Traíras, Água Quente, Santa Rita, Cachoeira, Muquém e outras, formando o Distrito do Tocantins. Esse autor também lembra que essa foi uma região rica em ouro, atraindo diversos exploradores em busca desse metal e da promessa de grandes riquezas que possibilitassem uma vida melhor. Entre os arraiais fundados em torno dessas minas estava São José do Tocantins, que, em sua vasta extensão territorial, abrangia todo o Distrito do Tocantins. O sonho do ouro entrou em decadência na segunda metade do século XVIII, como aconteceu em toda a capitania de Goiás (POLONIAL, 2001), deixando vilas, algumas já grandes, à mercê de outras possibilidades de subsistência para o futuro. Nesse ponto, homens brancos, ricos ou pobres (vindos principalmente de Minas Gerais e São Paulo), e seus escravos, em meio a conflitos com a comunidade indígena local dos Avá-Canoeiro, iniciaram a formação de uma nova população, de uma cultura local nascida do sonho do ouro.

Nesse contexto histórico-cultural, a Igreja Católica, em meio a conflitos e relações de poder diversas, se constituiu numa instituição reguladora e promotora das relações sociais da época, como o fez em toda a sociedade colonial brasileira. Isso, não apenas celebrando missas, mas também através da participação nas festividades religiosas que, no Brasil, desde a

colonização até os dias atuais, são marcadas pelo chamado catolicismo popular. Esse catolicismo, em contraste com o catolicismo eclesiástico, conferia às celebrações religiosas um caráter popular, alegre e profano (SOUZA, 2007), e, em São José do Tocantins, não foi diferente. Uma das celebrações do catolicismo popular que ganhava força nesse contexto era a Festa do Divino, que, no documento mais antigo encontrado até agora, exposto por Bertran (op. cit.), é brevemente relatada por Johann Emanuel Pohl, em sua viagem pelo interior do Brasil em 1819.

Atualmente, a festa ocorre cinquenta dias após a Páscoa, em Pentecostes. Nesse dia, um Imperador é sorteado e se torna a figura mais importante dos festejos durante o ano, arcando com os principais gastos. Outras figuras coexistem na festa, como o Mordomo do Mastro ou o Juiz da Procissão, além de celebrações oficiais como novenas e missas. No entanto, para os fins deste texto, o foco está nas folias, iniciadas dias antes de Pentecostes, que são grupos de músicos que carregam as bandeiras do Divino pelas ruas da cidade, pedindo esmolas para a Igreja. Em cada casa, seguem etapas rituais, sempre acompanhadas por música, com instrumentos principais como caixa, violas, violão, pandeiro e sanfona. Na execução desses rituais, os grupos seguem uma hierarquia sistematizada, que inclui desde os líderes e principais cantores-instrumentistas (guia, contra-guia e ajudantes) até as crianças, que participam livremente, sem a mesma responsabilidade dos adultos. A música acompanha os movimentos rituais, e todas as etapas são cantadas: a alvorada, a chegada no almoço ou no pouso, o agradecimento de mesa, a despedida do pouso, a esmolação e até a parte lúdica, com a catira. O canto é improvisado sobre ritmos e melodias pré-existentes na memória da folia, envolvendo todos os instrumentos e funções mencionados. Já a catira envolve dois cantores-instrumentistas (viola e violão, ou duas violas) e um grupo de dançarinos, que respondem ritmicamente aos cantores com batidas de pés e palmas coreografadas. Observando os foliões, notei as crianças inseridas neste mundo musical, tocando, sapateando curiosamente, ou mesmo apenas brincando, e percebi que ali ocorriam processos vitais para a continuidade da memória musical do grupo, relacionados a procedimentos educacionais peculiares, que nada tinham a ver com instituições formais de ensino. Dessa maneira, se não formal, que tipo de aprendizado ocorre no mundo musical desta folia?

## **Mecanismos do “aprender” a ser folião: dimensões do ensino e Zona de Desenvolvimento Proximal**

Retomando Dayrell (op. cit.), se o aluno é um ser histórico-social, que aprende em diferentes instâncias, é preciso compreender de que maneira essas instâncias operam para o

aprendizado. Procedimentos educacionais podem ser analisados e categorizados de diversas formas. Ao buscar essas categorias na educação, é possível encontrar uma dualidade entre os chamados ensino formal e informal, a partir da abertura de fronteiras na concepção dos espaços educacionais. Nesta dualidade, a educação formal compreende os espaços (institucionais ou não) com currículos, prazos e procedimentos metodológicos claramente definidos, e, de outro lado, a educação informal seria toda aquela atividade exterior aos espaços formais, desde a TV até a escola de música da igreja. A partir dessas reflexões, Libâneo, compreendendo a insuficiência da oposição entre os dois termos, discorre sobre aquilo que chama de dimensões da educação, no qual avança no que diz respeito à dualidade citada acima, apresentando uma categoria mediadora:

A educação formal compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos (...). A educação não-formal seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação. A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações com os indivíduos. (LIBÂNEO, 2000, p. 23)

Dessa maneira, espaços como projetos sociais de ensino de música, que não possuem, muitas vezes, um nível de sistematização criterioso, mas com objetivos ligados à aprendizagem, estariam em instâncias diferentes do playground ou da missa, onde os indivíduos aprendem tão somente através das relações sociais que estabelecem internamente. Assim, as dimensões educacionais dependeriam do grau de intencionalidade da ação educativa. Indo além, Gohn explica que:

Na educação formal, entre outros objetivos destacam-se os relativos ao ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, dentre os quais destacam-se o de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade etc. A educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento. Trata-se do processo de socialização dos indivíduos. A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. (GOHN, 2006, p. 29)

Baseando-se nos autores, a educação não-formal opera nos limites mais próximos do indivíduo em sua relação com o mundo, ao seu contexto de vida, sua história e aqueles com

quem compartilha uma identidade comum. Possui intencionalidade quanto à ação educativa, entretanto num nível de sistematização quase livre, delineando-se durante o processo educativo e para o processo educativo, atendendo às necessidades práticas ou mais urgentes dele ou do grupo. Sendo assim, podemos delimitar melhor diferentes mundos musicais de dimensões não-formais: a Igreja evangélica oferece aulas de música na expectativa de que elas possam prover músicos para atuarem nos rituais e eventos religiosos; uma banda reúne-se todo fim de semana para estudo coletivo, a fim de que seus integrantes possam desenvolver suas habilidades como grupo e se prepararem para apresentações públicas; a empresa oferece aulas motivacionais para que seus colaboradores atuem de maneira mais eficiente no processo de produção, etc. Educação que acontece no interior do grupo, e, em certo grau, em prol do próprio grupo. Nesta mesma perspectiva encontram-se os grupos de foliões da Festa do Divino de Niquelândia.

Perguntado sobre sua atuação como músico na Festa do Divino e se atuava como professor de música na cidade, Joaquim Francisco, um dos guias e líder de seu grupo, revela que:

Eu, como é que se diz? Já várias pessoas aprendeu comigo. Como eu já dei muita instrução pra muita pessoa, já comprei instrumento: violão, viola, sanfona. E já doeï pra poder, o cara tinha aquela vontade de aprender e eu precisava que aprendia pra poder formar aquele folião da maneira que eu queria. E então, é como diz, não é que eu sou professor. [...] Aí tem eu, tem outros também, inclusive esse moço que tá aqui é meu primo, nós é folião junto, nós é uma dupla de cantar música sertaneja, né? Aí é de cantar folia junto também. Eu tenho que canta muito bem comigo também a folia do Divino; qualquer folia. (VINHAL, 2015)

Com estas palavras, Joaquim fala claramente sobre a necessidade de se "formar" os novos foliões da maneira que ele quer, ou seja, da maneira mais próxima das necessidades do grupo e de suas tradições. Podemos pressupor que essa educação musical se dê num nível não-formal, pois Joaquim não possui formação em música, e se considera autodidata. Coincidentemente, nas entrevistas ou em conversas informais, a maioria dos músicos-foliões consideram-se autodidatas, mesmo que os mais velhos, em sua maioria, afirmem terem ensinado os mais jovens. Essa confusão acontece justamente pela não-formalidade deste tipo de ensino que, não sendo institucional, acaba sendo considerado autodidatismo pelos próprios foliões. Joaquim revela também como as atividades na Festa do Divino estão ligadas a uma tradição familiar, uma outra instância que interpenetra esse mundo musical. Nesse sentido, outro entrevistado, Carlos, também guia, quando perguntado se ensina música a alguém do seu grupo, responde:

Todos, quase. Tem meu sobrinho, que eu já ensinei. Tem meus dois meninos, que eu até poderia trazer eles aqui pra filmar pra você. Duas crianças, sete e oito anos, que é uma beleza na viola. Se você ver, você fala: 'não é nem possível uns meninos tocar desse jeito não'. Dá um trabalho, mas tem que ensinar, né? Família, tem que crescer no ramo. (VINHAL, 2015)

Vemos, nesse relato, que a família é um forte elemento na Festa, e que uma grande parte do direcionamento de ações em educação musical não-formal acontece dentro dela. De todo modo, existe um nível de intencionalidade educativa ligada à manutenção dos saberes musicais, tradições e memórias do grupo de foliões, mesmo que não haja a sistematização típica das instituições oficiais de ensino. Esses saberes estão ligados às necessidades do grupo e visam sua própria existência. Comungam representações partilhadas e inter-relacionam-se com diversas instâncias imediatas da vida de seus atores, como a religiosidade, o lazer e a família. Assim, os filhos dos foliões não aprendem somente música, mas também os elementos que constituem a identidade de seu grupo, como bem nos revela Ramos, quando analisa os processos de ensino-aprendizagem da música da Folia do Divino no litoral paranaense:

O ensino-aprendizagem da Folia do Divino parece ter o papel de formação musical, devocional, simbólica, de habilidades culturais e de inserção em práticas sociais de camaradagem, intercâmbio e dádiva, que provavelmente foram imprescindíveis para a manutenção histórica das populações dessa região litorânea. É uma música que move os foliões a caminharem durante três meses visitando casas de famílias alheias e distantes para promover um evento de benção e presentificação do Divino Espírito Santo, bem como de trocas efetivas, simbólicas. (RAMOS, 2011, p. 67)

Apoiando-se na psicologia sócio-histórica para a abordagem do desenvolvimento humano, Ramos acredita que um dos mecanismos mais importantes para a compreensão de como a educação musical se efetiva neste tipo de grupo refere-se à ideia vigotiskiana de Zonas de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Segundo este conceito, cultura e ambiente são fundamentais para a compreensão do aprendizado. Nele, toda atividade que uma criança consegue realizar com a ajuda de um adulto pode ser chamada de Zona de Desenvolvimento Proximal (ou Potencial). E o processo em que essa criança vai sedimentando os conhecimentos e habilidades até que não dependa mais da ajuda de um adulto se efetiva através da imitação. Segundo o autor:

É possível dizer então que essa capacidade infantil de imitar uma gama praticamente infinita das ações dos adultos é fundamental para se compreender a condição humana. A plasticidade tanto do desenvolvimento individual como da espécie humana em sua plena diversidade cultural só são possíveis por conta dessa capacidade (Ibid., p. 167).

Desse modo, a criança presente num grupo de folia está em contato direto com saberes e habilidades ligados ao seu contexto. Experimenta os instrumentos de seus pais e dos amigos de seus pais; imita os cantos, ritmos e percussões corporais; apreende os principais elementos que emergem na improvisação das cantorias; reproduz repetidamente, junto aos foliões, os rituais e procedimentos que tornam a festa o que ela é. Aí mesmo recebe ajuda dos integrantes do grupo e orientações diretas dos mais velhos quanto ao como do fazer musical, e aos poucos supera suas limitações, dominando pela prática e a imitação os conhecimentos dos quais não dava conta sozinha. Tudo isso num mundo musical lúdico, complexo (onde diferentes instâncias inter-relacionam-se) e que é, acima de tudo, rico de representações sociais que conferem sentido à sua identidade, sua memória, e à tradição a que o grupo pretende continuar.

### **Considerações finais**

Este estudo explorou os intrincados processos educacionais envolvidos na prática musical dos foliões da Festa do Divino em Niquelândia. Evidenciamos que tais processos operam em uma dimensão não-formal de ensino, caracterizada pela intencionalidade educativa voltada para suprir demandas práticas da vida social dos participantes, profundamente enraizadas em suas identidades, memória coletiva e tradição cultural. Esses elementos não apenas diferenciam essa dimensão de instituições formais ou informais de ensino, mas também a definem como um espaço educacional único e vital.

A concepção do aluno como um sujeito sócio-histórico complexo, moldado por diversos espaços educativos, desafia a tradicional visão cartesiana da escola, que muitas vezes reduz o aluno a um receptáculo de conhecimentos padronizados. Como destacado por Arroyo, os variados mundos musicais nas sociedades contemporâneas continuam invisíveis para muitos educadores, revelando a urgência de uma escola que reconheça e valorize a diversidade cultural como um ativo educacional essencial.

Nesse contexto, a sala de aula se configura como um verdadeiro mosaico cultural, onde alunos com histórias e identidades singulares demandam uma educação que vá além da simples inclusão superficial, integrando suas realidades no cerne das práticas educativas cotidianas. O professor, então, assume um papel fundamental ao transformar essa diversidade em uma oportunidade para enriquecer de forma interdisciplinar e criativa sua abordagem pedagógica, reconhecendo que cada aluno traz consigo uma riqueza cultural que pode enriquecer a aprendizagem de todos.

Como sugere Arroyo, lidar com a diversidade cultural na educação musical não se limita a replicar práticas folclóricas como a Folia do Divino; trata-se, acima de tudo, de compreender e respeitar as identidades sociais e culturais em constante evolução. A escola, conforme propõe Dayrell, deve ser um espaço de encontro e convivência entre iguais, um ambiente propício para o diálogo intercultural e a aprendizagem mútua.

Portanto, o educador musical desempenha um papel crucial ao reconhecer e valorizar os múltiplos mundos musicais dos quais seus alunos participam, seja através de práticas formais, não-formais ou informais. Integrar essas experiências vividas na sala de aula não apenas enriquece o processo educativo, mas também fortalece a identidade dos alunos e promove uma educação mais inclusiva e contextualizada, preparando-os não apenas para o mercado de trabalho, mas para uma cidadania global consciente e participativa.

## Referências

ARROYO, Margarete. Mundos musicais locais e educação musical. *EM PAUTA*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 95-122, 2002.

BERTRAN, Paulo. História de Niquelandia: do Distrito de Tocantins ao Lago Serra da Mesa. Brasília: Verano Editora, 1998.

CHARTIER, Roger. A História Cultural Entre Práticas e Representações Sociais. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

DAYRELL, Juarez. A Escola Como Espaço Sócio-Cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: aval. pol. púb. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para quê? 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

POLONIAL, Juscelino Martins. Terra do Ananguera: História de Goiás. Goiânia: Editora Kelps, 2001. 136p.

RAMOS, Carlos Eduardo de Andrade Silva e. Ensino-aprendizagem da música da Folia do Divino no litoral paranaense: diálogos entre etnomusicologia e psicologia sócio-histórica a partir do trabalho de campo. *Revista da ABEM*, Londrina, n. 26, p. 158 – 172, 2011.

SOUZA, Ana Guiomar Rêgo. *Paixões em Cena: a Semana Santa na Cidade de Goiás (Século XIX)*. 2007. 369 f. Tese (Doutorado em História) – Brasília, Universidade de Brasília, 2007.



**ANPPOM**  
Associação Nacional de Pesquisa e  
Pós-Graduação em Música

VINHAL, Felipe Eugênio. Entrevista de Joaquim Francisco de Oliveira em 28 maio 2015.  
Niquelândia. Gravação de áudio. Casa de Joaquim.

\_\_\_\_\_. Entrevista de Carlos de Souza Fernandes em 28 maio 2015.  
Niquelândia. Gravação de áudio. Casa de Carlos.